

revista



ATUALIDADES

AS REDES SOCIAIS E O PODER

A senda

Publicação mai - jun 2021

SAÚDE

FELICIDADE NÃO SE
COMPRA NA FARMÁCIA!

Nº 209 - Ano 99

SENDA



Relação
MÃE E FILHOS
onde essa história começa?

AGENDA

Acompanhe-nos nas redes sociais



Federação Espírita do Estado do ES



feees_oficial

2ª Jornada Espírita
do norte do Espírito Santo



JESUS E A IMORTALIDADE DA ALMA



01/05/2021
Pandemia, você e o Espiritismo
Alberto Almeida

ONLINE na RAE TV 1º, 2º, 8º e 9º CRE 

ENTRA 2021
ENCONTRO DE TRABALHADORES ESPÍRITAS
Região Norte

1º, 2º, 8º e 9º CRE

DIA 23 DE MAIO
das 8h30 às 15h
ONLINE NO ZOOM





1ª Jornada Espírita do Sul
DO ESPÍRITO SANTO

O Cristo Consolador

De 19 a 22 de maio 2021, às 20h

19/05 - quarta-feira JUSÉLMA COELHO - MG Tema: A comunicação com amor	21/05 - sexta-feira ANA TEREZA CAMASMIE - RJ Tema: Quando a dor bater em minha porta
20/05 - quinta-feira SIMÃO PEDRO - MG Tema: Justiça Divina: Pandemia, transtornos e preconceitos	22/05 - sábado SAULO SILVA - SP Tema: A saúde mental em tempos de crises

ONLINE na RAE TV 4º, 5º e 12º CRE's 

ENTRA 2021
ENCONTRO DE TRABALHADORES ESPÍRITAS
Região Centro II

3º, 7º e 10º CRE

DIA 13 DE JUNHO
das 8h30 às 15h
ONLINE NO ZOOM





CAPACITAÇÕES 2021

APSE - Área de
Assistência e Promoção Social Espírita

As Redes Socioassistenciais, a Pandemia, a Pós-pandemia e a organização das Casas Espíritas

MÓDULO II - 29/05/2021

MÓDULO III - 16/06/2021



PAR AÍ
o que vem



MAIO

07 - 10º Encontro Interage AEE
14 a 16 - CRC/2021

JUNHO

11 - 11º Encontro Interage AEE
20 - Primeiro Encontro Síncrono dos participantes do Curso Online de Palestrante Espírita
23 a 26 - Jornada Espírita CENTRO I (3º, 7º e 10º CREs) Virtual
27 - Encontro das Crianças

Calendário disponível em WWW.FEEES.ORG.BR



Presidente
Fabiano Santos

Vice-Presidente de Administração
Adelson Nascimento

Vice-Presidente de Unificação
José Ricardo do Canto Lírio

Vice-Presidente de Educação Espírita
Alessandro Carvalho

Vice-Presidente de Doutrina
Lúcia Catabriga

Editora Responsável

Michele Carasso

Conselho Editorial

Fabiano Santos, Michele Carasso, José Ricardo do Canto Lírio, Dalva Silva Souza e Michelle Sales e Silva

Jornalista Responsável

Michelle Sales e Silva - 2893-ES

Revisão Ortográfica

Dalva Silva Souza

Diagramação, layout e arte final

SOMA Soluções em Marketing

Distribuição digital

www.fees.org.br/informativos/send

Revista A Senda

Veículo de comunicação da Federação Espírita do Estado do Espírito Santo (FEEES)

Área Estratégica de Comunicação Social Espírita

Michelle Sales e Silva

Rua Álvaro Sarlo, 35 - Ilha de Santa Maria -
Vitória - ES | 29051-100
Tel.: 27 3222-7551

Quer colaborar? Entre em contato conosco:
decom@feees.org.br

www.fees.org.br

Os artigos publicados são de
responsabilidade de seus autores.

Sempre com nossos corações cheios de energia e carregados de esperança, concluímos mais uma edição de A Senda e trouxemos até você várias matérias que valem a leitura! Vale parar por uma hora e navegar por toda a nossa querida revista, aproveitando a oportunidade de aprendizado que nunca podemos dispensar.

E também podemos dizer que chegamos à tão esperada edição de maio, mês dedicado às mães e às noivas; maio de clima ameno, com dias lindos de sol, céu azul e noites mais frescas! Nossa matéria de capa fala da relação entre mães e filhos à luz da nossa querida doutrina espírita. Eu adorei ler e, se você também gostar, compartilhe o link com familiares e amigos!

Estamos chegando à metade do ano. Sim, junho é a metade do ano! Você vai dizer que nem parece que saímos de 2020? Pior que é verdade. Estamos vivendo um momento ímpar na história do mundo e na história do Brasil, coração do mundo, Pátria do Evangelho. Continuamos praticamente em isolamento social, privados de uma série de coisas que gostamos de fazer, principalmente do convívio com aqueles que amamos. Vale, sim, repensarmos nossas ações, como estamos atuando e o que estamos fazendo pelo próximo. Como pensamos e agimos em prol do outro? Ou não estamos fazendo isso? Tem uma matéria nesta edição com o título As Boas Ações são a melhor prece. É pra refletirmos sobre isso e seguirmos em frente, praticando.

São muitas matérias interessantes que foram escritas por companheiros de caminhada, sempre bem intuídos, trazendo esclarecimentos sobre variados assuntos do nosso dia a dia... Todos os autores são incansáveis divulgadores da nossa consoladora doutrina. Aproveito a oportunidade para agradecer a cada um dos que colaboraram, pela parceria e dedicação do seu precioso tempo para escrever para A Senda. Acredito que, quando começar a ler a revista, vai perceber que ela foi escrita especialmente para você!

Vamos renovar e fortalecer nossa fé, vibrando nas melhores sintonias sempre, para que dias melhores cheguem muito em breve!

Boa leitura a todos! Muita paz!

Michele Carasso
Editora Responsável

SUMÁRIO

05

EDUCAÇÃO

O Movimento Espírita pós-pandemia

07

UNIFICAÇÃO

As boas ações são a melhor prece

09

ATUALIDADES

As redes sociais e o Poder

11

MENSAGEM

12

CAPA

Relação mãe e filhos, onde essa história começa?

15

ENTREVISTA

Marcelo Paes Barreto

16

SAÚDE

Felicidade não se compra na farmácia

18

ACONTECEU

20

SUGESTÃO DE LEITURA

Definições espíritas

21

GESTÃO

O desafio da reencarnação

23

NOTÍCIAS

24

ENCARTE ESPECIAL

ESTAMOS DE
SITE NOVO!

VOCÊ NÃO VAI PERDER NENHUMA NOVIDADE!

Acesse e confira:

WWW.FEEES.ORG.BR





Antonio Cesar Perri de Carvalho

O MOVIMENTO ESPÍRITA PÓS-PANDEMIA

No cenário atual de tragédia sanitária mundial, as afligentes situações de saúde corpórea e psíquica, as mortes muito próximas, os problemas educacionais e econômicos e o prolongado distanciamento social caracterizam uma sensação de luto. Nesta longa pandemia, há muitas transformações no mundo e no movimento, que ainda ocasionarão repercussões profundas.

O movimento espírita não está isento dos impactos dos graves problemas que se acumulam. Os cenários induzem à necessidade de avaliação sobre a realidade do movimento espírita, providência inerente aos encarnados, como anotou Kardec: “[...] o que caracteriza a revelação espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem.”¹ Os encarnados respondem pelos atos pessoais, os que envolvem a interação com a sociedade e as tarefas de gestão em instituições espíritas. Em um misto de experiências vividas, avaliações e de prospecção

para um futuro próximo, é necessário pensar-se como o movimento espírita se preparará para a construção de um mundo de regeneração, e isso não pode ser limitado a datas de início ou de término resultantes de elocubrações humanas.

As palavras do Codificador, em seu último discurso (novembro de 1868), contêm colocações significativas: “O laço estabelecido por uma religião, seja qual for o seu objetivo, é, pois, essencialmente moral, que liga os corações, que identifica os pensamentos, as aspirações, e não somente o fato de compromissos materiais, que se rompem à vontade, ou da realização de fórmulas que falam mais aos olhos do que ao espírito. O efeito desse laço moral é o de estabelecer entre os que ele une, como consequência da comunhão de vistas e de sentimentos, a fraternidade e a solidariedade, a indulgência e a benevolência mútuas.”²

O pensamento de Kardec transparece na primeira psicografia

de Chico Xavier sobre união, “Em nome do Evangelho”, dirigida aos participantes do 1º Congresso Brasileiro de Unificação Espírita (São Paulo, 1948)³. A partir da epígrafe “Para que todos sejam um” (João 17, 22), Emmanuel discorre sobre a ação de Jesus, constituindo uma equipe de discípulos; convida “[...] que orientem no Evangelho quaisquer princípios de unificação, [...] espírito de serviço e renúnciação, de solidariedade e bondade pura que Jesus nos legou.” Situa o texto no contexto: “O mundo turbado pede, efetivamente, ação transformadora” e sugere: “unamo-nos no mesmo roteiro de amor, trabalho, auxílio, educação, solidariedade, valor e sacrifício que caracterizou a atitude do Cristo em comunhão com os homens, servindo e esperando o futuro, em seu exemplo de abnegação...”

Trata-se de parâmetro para se auferirem as ações federativas e eventuais compatibilizações com as novas demandas do movimento espírita, dentro do dinâmico contex-

to social. As citações de Kardec e de Emmanuel são sugestivas para a superação da fase de excessivas normatizações e de práticas com ranços de preconceitos e discriminações, para se exercitar o laço moral e espiritual, em serviços de “amor, trabalho, auxílio, educação, solidariedade, valor e sacrifício”.³ Torna-se imprescindível a avaliação das demandas do público alvo, nesta época de aflições, ansiedades e dúvidas, pensando-se na fase pós-pandemia.

As conclusões do marcante “Projeto Convite ao Futuro – Diagnóstico e Prognóstico do Movimento Espírita Capixaba” (FEEES, 2019) devem ser analisadas de acordo com o novo horizonte social.

As experiências históricas danosas de institucionalização e hierarquização nas organizações religiosas devem subsidiar reflexões. A tradição de gestão diretiva e até autoritária que regeu muitas instituições religiosas deve ser substituída pela equipe participativa, com respeito à diversidade das condições das pessoas e das instituições.⁴

O arcabouço legal previsto na Constituição e no Código Civil para as associações e organizações religiosas determinam essas providências. A proposta do Codificador sobre a “Comissão Central”² pode inspirar a organização e o funcionamento de instituições vinculadas à união.

O trabalho federativo poderá ser agilizado e ampliado com ações virtuais, com redução de custos das locomoções e das grandes reuniões; deverá priorizar orientações aos centros para a atuação em encontros virtuais. Já há experiências de grandes encontros virtuais em substituição aos presenciais, que são onerosos. Nesses eventos, deve-se rever a seleção de temas e de expositores. Faz falta o espaço para se tratar dos assuntos que afligem o movimento, evitando-se a pulverização de temas e a centralização em alguns expositores. Em todos

os Estados há valorosos lidadores com vivência suficiente para expor suas experiências num ambiente de diálogo e intercâmbio fraterno.

Para melhor atendimento à sociedade na nova fase, será precisa a adequação das instituições no preparo de recursos humanos, e, de acordo com as normas para edificações: acesso, segurança e condições sanitárias. Na realidade, tudo é respeito à vida do ser espiritual reencarnado. A experiência com reuniões virtuais e o uso racional de espaços provocará a reavaliação da necessidade de grandes sedes físicas.

As reuniões nos Centros serão simultaneamente presenciais e à distância, aperfeiçoando-se as experiências do distanciamento social. O mesmo é recomendado para as atividades de mocidade e de evangelização infantil. É imprescindível se conhecer a nova realidade dessas faixas etárias, seus contextos sócio-educacionais, interesses e necessidades.

Na assistência social, o ideal será buscar-se a desvinculação de dependências financeiras de convênios governamentais, procurando-se adequar os objetivos e ações das instituições às suas condições e ao contexto social onde se localizam.

No mercado livreiro, cresce a comercialização pela *internet* e o incremento dos e-books. Esses impactos e a busca por preços mais compatíveis com o público aumentam as dificuldades e a tendência de editoras e livrarias não se constituírem mais fonte de subsistência para as instituições.

As experiências recentes de diálogos interreligiosos são importantes, com a participação de espíritas com conhecimento doutrinário, simplicidade e respeito ao pensamento das várias vertentes religiosas.

Destacamos o conceito de Emmanuel: “O Centro de Espiritismo Evangélico, por mais humilde, é sempre santuário de renovação

mental em direção da vida superior. [...] Um Centro Espírita é uma escola onde podemos aprender e ensinar, plantar o bem e colher-lhe as graças, aprimorar-nos e aperfeiçoar os outros, na senda eterna.”³

Às indicações de “renovação mental”, somam-se os cuidados para se evitar o destaque para médiuns, dirigentes, expositores, bem como para literaturas “da moda”, incompatíveis com os preceitos do Espiritismo e a ponderação de Kardec sobre a religiosidade.

Aí entram as situações das “perdas” de entes queridos, abalos emocionais e interrelacionados aos problemas espirituais. Nessa área, a experiência de atendimento fraterno pela internet, iniciada pela FEEES, deverá ser valorizada.

No conjunto de providências, advirá a ampliação da difusão do pensamento espírita. A certeza da imortalidade da alma e a apresentação dos ensinamentos de Jesus à luz do Espiritismo são temas fundamentais para se contribuir espiritualmente com a sociedade pós-pandemia e a transição para a regeneração.

No movimento e no centro, é momento para o acolhimento fraterno e a adoção de mensagem de consolo, de apoio moral e de esperança espiritual; é momento de construção de caminhos novos e amplos, visando à futura regeneração!

Referências:

1) Kardec, Allan. Trad. Ribeiro, Guilhon. A gênese. Cap. Caráter da revelação espírita. Brasília: FEB.

2) Kardec, Allan. Trad. Noleto, Evandro Bezerra. Cap. O Espiritismo é uma religião? Cap. Comissão Central. Revista espírita. Dezembro de 1868. Ano XII. FEB. 2005.

3) Carvalho, Antonio Cesar Perri. Emmanuel. Trajetória espiritual e atuação com Chico Xavier. Matão: O Clarim. 2020. 208p.

4) Carvalho, Antonio Cesar Perri. União dos espíritas. Para onde vamos? 1.ed. Capivari: EME. 2018. 142p.



UNIFICAÇÃO



Alisson Guedes Pessoa

AS BOAS AÇÕES SÃO A MELHOR PRECE

Desde a mais remota antiguidade, encontramos registros que demonstram que o homem sempre buscou uma ligação, uma conexão com o divino, o transcendental. Encontramos ritos, músicas, mantras, danças, sacrifícios, palavras “mágicas” e tantas outras expressões que materializam o desejo ou, talvez, a necessidade de o indivíduo manter-se em sintonia com o Alto. A evolução do pensamento, o descortinar do Mundo Original – o Espiritual – foi modificando a compreensão deste “mecanismo” presente no ser.

Os fenômenos naturais em suas expressões mais rudes foram tidos como manifestações sobre-humanas que, dentro das limitações intelectuais do período, construíram mais adiante a figura dos deuses, edificando o politeísmo. Podemos observar esses “seres” com as características das emoções e atitudes humanas, portanto, quando o homem tinha fome, sede ou não era atendido em seus anseios, agia, vez que outra ainda age, frequentemente, de forma violenta. Essa realidade foi refletida

sobre a imagem dos deuses, logo, para serenar, aplacar a ira deles, iniciaram-se sacrifícios, a princípio, de pessoas e, posteriormente, de animais, ritos, louvores, orações.

Quando apresentado por Moisés, o Deus único mostrou as mesmas características antropomórficas, sendo, então, temido. Repetem-se, portanto, as mesmas práticas, sedimentando o entendimento de que as ações exteriores ou a ritualística agradava a Deus, gerando uma relação, inconsciente, de recebimento de favores – graças – na medida em que se cumpriam as exigências apresentadas.

O momento cantado pelos profetas era chegado – Jesus apresentou-se, lançando uma mudança de paradigma, primeiramente, àquele povo. Deus não é mais o “dos exércitos”, porém PAI: figura comum em todas as culturas e sociedades com quem a relação não deveria se dar pelo medo ou temor, mas pelo amor.

Jesus era o “médium de Deus”, logo, ao apresentar pela vivência as suas lições, materializava a intenção Divina – a prática da

caridade na sua máxima expressão. Estimulou-nos e nos ensinou a procurar a prece como meio de haurir forças, para executar a vontade Superior.

Passado o tempo, o amadurecimento relativo da humanidade fora chegado e, com ele, o momento em que o silêncio dos túmulos seria rompido. Era o período do Positivismo em que se fazia necessário mensurar, averiguar, definir, conceituar; caso contrário, o fato observado não era digno de atenção. É nesse panorama que surgem os fenômenos das “mesas girantes” que abririam ao Prof. Rivail, mais tarde Allan Kardec, um novo mundo repleto de conceitos que ampliariam o entendimento da humanidade sobre questões diversas, em especial, sobre determinadas práticas milenares como, por exemplo, a oração. Para nos certificarmos de que as boas ações são a melhor prece, precisaremos observar alguns conceitos trazidos pelos Espíritos que darão sustentação a esse raciocínio. Vejamos então:

O conceito de Deus apresentado pelos imortais extirpa as

características antropomórficas. Eles discorrem sobre os Seus atributos, elevando os indivíduos a novos patamares de reflexão. Não é um Deus de exigências externas.

O mundo original é o dos Espíritos e, como viajantes aprendizes, encarnamos e reencarnamos na Terra e fora dela, para aquisição do conhecimento que resultará no progresso do ser. Fazendo uma analogia com a nossa vivência como encarnados, é comum, quando empreendemos alguma viagem ou passeio, buscarmos, de alguma forma, entrar em contato com aqueles que deixamos na retaguarda ou, até mesmo, no trabalho. Procuramos saber como estão ou quais são os últimos fatos. Dependendo da situação, solicitamos alguma opinião, ajuda, indicação de lugares etc. E não são poucas as vezes que desejaríamos que esses amigos estivessem compartilhando aquela experiência junto a nós. “Viajando na Terra”, então, sabendo que se pertence ao Mundo dos Espíritos e que lá “deixamos” corações afins, é natural buscar essa “retaguarda”, procurando um meio que facilite a emanção e recepção das informações, do auxílio, do estímulo que são tão necessários para quem se encontra na matéria.

O “levantar do véu” trouxe outra questão interessante: ***Os Espíritos “influenciam em nossos pensamentos e ações, a tal ponto que são eles que vos dirigem”*** - assim explicaram ao Codificador. Destituída de outros conceitos, essa informação chega a assustar, pois, aparentemente, tornamo-nos “marionetes”, mas, se considerarmos o nosso corpo como um “veículo” para o nosso espírito, a quem estamos entregando a direção desse “carro”? Surgem, então, o livre-arbítrio e a afinidade como elementos que anulam a ideia de uma franca e livre manipulação por parte dos desencarnados. Deixando de lado os meandros da obsessão que não entram em nosso tema de agora, é imprescindível lembrar que a responsabilidade das

ações será sempre nossa.

No novo universo trazido pelos Benfeitores a Kardec, o homem deixou de ser vítima da vida e passou a ser agente modificador da sua própria realidade. E, em resposta a questão sobre o livre-arbítrio, os Espíritos foram objetivos em dizer que se o homem ***“tem a liberdade de pensar, tem igualmente a de obrar”***. Deixa-nos entender que o pensamento deve preceder a ação. O pensamento é força viva e é percebido pelos espíritos. A qualidade dessa força funciona como um ímã, atraindo para si os semelhantes em gostos e tendências. Dessa forma, o homem se mantém cercado de pares que comungam dos mesmos hábitos e metas traçadas consciente ou inconscientemente por ele. É indiscutível que a influência se potencializa, quando o teor vibratório da ideia emitida pelo desencarnado encontra ressonância na intimidade do ser. Torna-se mais fácil a aceitação da sugestão “intrusa”, quando o campo íntimo já está preparado com o “adubo” das tendências semelhantes, qual terra fértil para a materialização por meio da ação. Essa relação, essa parceria, corresponde à afinidade entre os entes - encarnados com encarnados, encarnados com desencarnados e entre os desencarnados. A sugestão é “intrusa”, como falamos, mas não emitimos juízo de valor quanto à qualidade dela. Pela lógica, dependerá da moralidade do espírito que naquele instante estará próximo. Se for um espírito elevado, o estímulo será para o bem, o ético, o digno; o contrário, também, será verdade. Um espírito com baixa condição moral dificilmente elegerá valores que ele próprio ainda não alcançou. Procurar ter o amparo dos bons espíritos é a meta para aqueles que já entendem esta influência constante. Como fazer, então?

O Espírito Manoel Philomeno de Miranda, em sua obra intitulada Reencontro com a vida, no capítulo 11, afirma: “A oração inunda de emoções superiores o ser que

se lhe entrega ao ministério”. O ato da prece eleva as emoções às paisagens edificantes, à “conexão” com espíritos que vibram na mesma sintonia. Da mesma maneira que, quando encarnados, os grupos de amizades que elegemos são compostos pelas afinidades entre os participantes. Na relação desencarnado - encarnado, ocorre o mesmo. Assim, quando na prece, o indivíduo galga novos patamares vibratórios, emulando-o a atitudes mais coerentes com as Leis Divinas que vigem na consciência, apresentando um “terreno” mais fértil aos bons pensamentos e às ações que o dignifiquem. Dessa forma, aquele que mantém a prática da oração se encontrará “acompanhado”, amparado por espíritos que comungam dos mesmos ideais, dele se afastando os espíritos “inferiores” que já não encontram a sintonia necessária para a parceria infeliz.

É bem verdade que não é qualquer prece. Não são as repetições de palavras ou a beleza delas que responderá pela modificação da paisagem íntima e pela mudança qualitativa dos pensamentos e emoções, mas sim aquelas que ***“são ditadas pelo coração, pois para Deus a intenção é tudo.”***

Seguindo a mesma linha de raciocínio, conseguimos compreender o quanto as ações respondem pela parceria espiritual. Se a prece nos “conecta” ao Alto, as boas obras são frutos de pensamentos superiores alimentados por quem busca executar a ação dignificante. Dessa forma, como mensageiros do bem na Terra, ***“Deus lhe envia bons Espíritos para assisti-lo.”*** Assim, ***as ações atraem***, “ligam-nos” à Espiritualidade que divide conosco a estrada evolutiva. A boa ação é a prece materializada, daí porque os espíritos afirmam: ***“As boas ações são a melhor prece, por isso que os atos valem mais que as palavras.”***



Christiane Drux

As Redes Sociais e o Poder

Diante da atualidade do tema sobre que queremos nos debruçar, começamos com uma afirmativa: o poder é multidimensional e está alicerçado nas redes programadas em cada esfera de atividade humana, de acordo com os interesses e valores de atores que detêm poder. (Castells, Manuel. *O Poder da Comunicação*. Trad. Vera Lúcia Mello Joscelyne. 1ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2015)

É para nós também contundente que, hoje, as redes sociais se constituem o maior canal midiático, promovendo alcance a vários públicos e esferas da sociedade. Nelas é exercido o poder da capacidade argumentativa e de influência, alterando conceitos, orientando decisões e realizando mudanças culturais. A internet tornou-se o tecido de comunicação de nossas vidas. É nesse “continente invisível” que construímos nossa malha interativa com vistas à integração e a autocomunicação de massa, instituindo a cultura global. Temos diante de nós a oportunidade de uma rede auto-

produzida, autogerenciada e auto-desenvolvida por atores-rede que impactam mudanças nas práticas sociais.

É o potencial integrador da Rede que vai cancelar a previsão de Allan Kardec, codificador da Doutrina Espírita, como sendo a quarta fase da propagação do Espiritismo, quando a “Humanidade conquistará um novo perfil moral. Esta influência é, desde já, individual. Mais tarde agirá sobre as massas, para felicidade geral”.

Na Revista Espírita de Setembro de 1858, o mestre Lionês destacava as etapas da divulgação doutrinária, lembrando os fenômenos que incitavam a curiosidade. Em um segundo momento, apresenta-nos a filosofia e a ciência, garantindo a sólida prática da observação e ensejando o descortinar do véu de uma realidade espiritual, a constituição de um robusto e inabalável corpo doutrinário. Em uma terceira etapa marcada pela admissão, sublinha que o Espiritismo passou a ocupar posição oficial

entre as crenças universalmente reconhecidas. Na culminância desse processo histórico-cultural vislumbrado por Kardec, testemunhamos o hoje midiático e digital, pleno de capacidades multidimensionais, estruturando e impactando as práticas sociais.

A influência esclarecedora e consoladora da Doutrina Espírita, com o advento da internet no século 20, ganha potencial em magnitude para se fazer cumprir o progresso das ideias formadoras do Homem de Bem, salto quântico da nossa sociedade em ética, moralidade e intelectualidade.

A seara de trabalho está pronta e os meios tecnológicos à disposição em multiplataformas, contudo um detalhe é fundamental, a fim de que um novo momento da Humanidade ganhe curso para a regeneração: o processo da comunicação ordinária e da divulgação doutrinária precisam se coadunar com a Lei Divina, repositório que nos assegurará a evolução individual e coletiva.

Nesse contexto, o comunicador espírita precisa, em sua prática comunicacional, ser divulgador e não propagandista; ser aquele agente transformador que, no exercício constante de contenção dos seus vícios e burilamento para eclosão de suas virtudes, se faça arauto da Boa Nova. Não aquele que propaga informações com o intuito de fama, reconhecimento e holofotes, mas sim o servidor do Bem que se faz presente e arauto da Verdade libertadora.

Acima do alcance, temos compromisso com a ética, com a produção de conteúdo nobre que favoreça a mudança de mentalidade e a instauração do Reino de Deus sobre a face da Terra.

No Novo Testamento, vamos encontrar, em Mateus 13:47-52, a significativa Parábola da Rede:

“13:47 Novamente, o Reino dos Céus é semelhante a uma rede lançada ao mar, que recolheu todo gênero de peixe. 13:48 Quando ficou cheia, depois a puxarem para a praia e de se sentarem, recolheram os bons em recipientes, e os deteriorados jogaram fora. 13:49 Assim será na consumação da era; os anjos sairão e separarão os malvados do meio dos justos; 13:50 e os lançarão na fornalha do fogo. Ali haverá o pranto e o ranger de dentes. 13:51 Entendestes todas essas coisas? Diziam-lhe: Sim 13:52 Ele lhes disse: Por isso, todo escriba que se tornou discípulo no Reino dos Céus é semelhante ao homem, senhor de casa, que extrai do seu tesouro coi-

sas novas e antigas.”

Cabe ao comunicador espírita compromissado com a gestão de conteúdo a tarefa primeira de evangelizar, de fazer verter, a partir das estratégias midiáticas, a água límpida do Evangelho e da Verdade que dessedenta e consola, de estabelecer conexões interpessoais em rede de pescaria de almas.

Hoje temos a certeza de que o mundo já possui expertise e ações suficientes que facultam conectividade. Que possamos, imbuídos do ideal espírita, constituirmo-nos pontes que vivificam essas conexões com força integradora: conexão em Integração, comunicando aos corações.

O mundo estertora em pedidos de socorro, a pandemia da COVID-19 entrega-nos um convite: a resignificação entre o essencial e o supérfluo, entre o divino e o material.

Nestes momentos de profundos testemunhos e aprendizados, voltamos nosso olhar qual mariposas que buscam a luz, ao roteiro seguro, ao regaço da filiação divina, que recupera em nós potenciais de cocriadores do Universo. Nosso sentimento de pertencimento à família universal, atada pelo amálgama do amor divino, que patrocina nossas vivências em plenitude, culminando em paz e fraternidade.

Ainda estagiamos em passos incertos, atitudes menos dignas, exercício do poder míope dentro dos padrões do mundo. Permitimo-nos influenciar e ser influen-

ciados por conceitos equivocados e frágeis.

É momento de nos voltarmos para a recomendação de Paulo de Tarso: “Porque, se a trombeta der sonido incerto, quem se preparará para a batalha?” (I Coríntios,14:8)

Há muito, as antigas sociedades tribais se orientavam pelos sons variados das trombetas, que, conforme a convenção, indicavam as ações a serem empreendidas e também alertavam para o combate. Hoje temos plenas condições de atender ao chamado.

Há mais de dois mil anos, o sonido certo e libertador já foi dado por Jesus, Guia e Modelo da Humanidade.

Que estejamos alistados nessa frente única de trabalho.

Que nosso estandarte seja o esclarecimento e a caridade.

Que estejamos com fôlego para as batalhas que se anunciam, munidos com a armadura da compreensão e do perdão incondicional.

Que sejamos arautos do Evangelho, soldados do Cristo prontos a promover o “Código do Reino”.

Avante os que têm ouvido de ouvir, porque o sonido certo aponta para o Caminho, a Verdade e a Vida!



INCLUSÃO E
ACESSIBILIDADES 
NA CASA ESPÍRITA

Prossigamos

Estamos aqui. Corações que se entrelaçam na caminhada evolutiva não se apartam. O mundo espiritual é realidade próxima aos que se buscam nas vibrações do sentimento. Não há barreiras intransponíveis para o amor e é por isso que, pouco a pouco, a esperança se faz presente em nós, garantindo-nos a relativa estabilidade nos caminhos conturbados do mundo.

Nas irradiações amorosas colhidas em reuniões fraternas, estruturam-se atendimentos a Espíritos ainda prisioneiros das sombras que disseminaram na intimidade de si mesmos. Quantos de nós também, ao longo da vida, estivemos perdidos?! Influenciados pelas contingências dolorosas, deixamos que a interrogação se transforme em insegurança e, depois, em dúvida cruel a obscurecer os nossos olhos, semeando dificuldades na jornada. Contudo, amados irmãos, considerem que o amor é, em nós, ainda, a semente preciosa, requisitando o trabalho vigilante e a rega das lágrimas para germinar.

Onde há amor, o serviço aparece. Não é possível amar sem mover as próprias potencialidades no serviço de auxílio aos que caminham ao nosso lado. Onde há amor, o sorriso se mostra por entre as lágrimas de dor e as dificuldades se tornam suportáveis. Como fazer desabrochar esse potencial que caracteriza a individualidade em trânsito no mundo? Como transformar a semente em planta robusta? Nas cogitações mais íntimas, cada um de nós já alcançou a resposta: é preciso a disciplina diária da vontade e a determinação de servir.

Façamos, pois, a nossa parte, trabalhemos!

A ação nos libertará das escamas acumuladas pela absorção de substâncias pertinentes à ambiência que nos acolhe, a fim de transpormos as estreitas grades que nos levarão ao mar alto das experiências espirituais significativas. Devolvamos ao mundo os excessos de que nos ornamos, identificados que somos ainda ao plano material. Assim, superaremos o obstáculo que nos separa das regiões sublimadas da mente, desfazendo as brumas que nos impedem de ver o sol a iluminar o roteiro apenas entrevisto. Todos os caminhos conduzem ao Pai, mas o significado do nosso caminhar procede do nosso coração.

Nossas vibrações de alegria e gratidão se irradiam daqui em direção ao Criador. Personagens dos romances que a vida tece somos todos, mas não precisamos ser joguetes das forças que buscam dominar-nos, distanciando-nos dos objetivos almejados. Vontade firme iluminada pelo conhecimento, perseverança e disposição.

Prossigamos!

Um irmão (dentre todos o menor)



Ana Paula Vecchi



RELAÇÃO MÃE E FILHOS, ONDE ESSA HISTÓRIA COMEÇA?

O vínculo entre o pai, a mãe e a criança gerada começa a se formar antes mesmo do nascimento, quando a gestante repassa a própria infância, a relação com seus pais e até mesmo suas emoções e memórias intraútero, tudo isso de forma inconsciente; e de forma consciente elabora expectativas para o filho ideal. Esse vínculo, portanto, terá o colorido das experiências vivenciadas pelos pais (cuidadores), quando eram crianças, suas relações familiares, a quantidade de afeto que receberam, sem falar da história espiritual que une pai, mãe e filho, que é única e intransferível.

Poderíamos arriscar que a maternidade é um grande castelo alicerçado nos pilares do amor incondicional, da tolerância, da renúncia e da capacidade de superação, mas de construção lenta e individual a cada dupla pais e filhos. E a paternidade? Bem, esta se solidifica a partir do nascimento, a maioria dos pais tem dificuldade de estabelecer laços concretos com o filho intraútero, com o filho imaginário, sentindo-se verdadeiramente pai, quando o bebê já consegue intera-

gir; e a mãe, ou a pessoa responsável pela maternagem, tem a importância fundamental de permitir que esse “pai” tome seu papel na vida dessa criança.

Mas é no olhar receptivo e acolhedor dos pais para seus filhos que os laços afetivos serão construídos, e uma linguagem nova surge entre eles, a linguagem da alma, quando os sinais não verbais são compreendidos e as emoções conseguem fluir, abrindo um caminho novo, o da intuição. Todas as respostas estão ali, no coração de cada mãe e de cada pai, quando estão presentes e dispostos a ouvir os anseios do Espírito reencarnante, que por ora chamam de filho. O olhar atento dos pais para seus filhos é a base para a construção de vínculo entre eles, assim como de laços afetivos que essa criança desenvolverá no futuro com seus amigos, colegas e amores. É preciso olhar para essa criança e perceber o Espírito imortal que necessita de orientação e educação de suas más tendências e desenvolvimento de virtudes. “Desde o berço, a criança manifesta os instintos bons ou maus que traz de

sua existência anterior; é preciso aplicar-se a estudá-los.” Isso significa estar ao seu lado, observando suas emoções e reações ante os pequenos fatos cotidianos, estar presente não só física, mas emocionalmente. Amar e dizer o quanto ele é importante, mas colocar limites. No livro *Libertação*, a benfeitora Matilde, Espírito que já não precisava mais encarnar na Terra, recomenda a sua futura mãe que não a recebesse como uma boneca mimosa e impassível: “adornos externos nunca trazem felicidade legítima ao coração, e, sim, o caráter edificado e cristalino, base segura de que se expande a boa consciência” e “que a luta e o atrito são bênçãos sublimes, através das quais realizamos a superação de nossos velhos obstáculos.” Se ela, que era um Espírito missionário, clamava por simplicidade, educação e corrigenda, que diremos nós?!

Temos ouvido que a geração atual necessita de mais disciplina, mais castigos, mais severidade, e eu acredito que nossas crianças estão precisando, sim, é da presença dos pais. Mas não me refiro

à presença física, e sim à presença emocional, estar com a cabeça onde estão os nossos pés, olhar para nossa criança e vasculhar suas emoções pelas suas atitudes e falas, permitir que ela se expresse, coloque suas opiniões e, com muito amor, definir regras claras e estar presente para que elas sejam cumpridas, mas não como obrigação, e sim com um sentimento gostoso de que todos devem cooperar na equipe chamada família. Explicar o motivo do não, ser coerente (dizer o que faz e fazer o que diz), ser constante (a permissão não depende de situações e nem do humor dos cuidadores) e ter sempre uma consequência. Muitas vezes, o nosso olhar está tão desviado que o que resta a nossas crianças é chamar nossa atenção pelas atitudes inadequadas, assim elas nos libertam de nossas tristezas, preocupações e nos trazem de volta a realidade. Nessa relação tão complexa, com tantas variantes, temos a certeza de que a disciplina amorosa isenta de violência faz-se necessária. Ouso questionar: precisamos bater para educar? Faz sentido agredir alguém verbalmente ou fisicamente, para essa pessoa aprender algo? Não faz sentido algum! Violência só gera mais violência, além de grandes traumas. Uma criança que apanha acha normal bater no colega, na professora, na esposa ... ou esquecemos que as crianças irão crescer? Içami Tiba diz uma frase chocante, mas real: “se hoje uma criança apanha de um adulto bem maior que ela, o troco é uma questão de tempo.” A neurocientista Suzana Herculano-Houzel afirma: “crianças que receberam restrição corporal, palmadas, beliscões, sacudidas e abusos verbais se tornam adultos com propensão a transtornos de ansiedade, depressão, alcoolismo e outras formas de dependência química, comportamento antissocial

e agressividade ... se tornam adultos que acreditam ser normal punir com violência”. Precisamos desvincular limites do tapa, do beliscão e do castigo!

“Mas é no olhar receptivo e acolhedor dos pais para seus filhos que os laços afetivos serão construídos, e uma linguagem nova surge entre eles, a linguagem da alma, quando os sinais não verbais são compreendidos e as emoções conseguem fluir, abrindo um caminho novo, o da intuição”.

Outro ponto muito importante é a honestidade. Jamais, em hipótese alguma, minta para seu filho! Diga sempre a verdade de forma simples e dentro das possibilidades de compreensão dele. Ele consegue entender sobre situações difíceis, doenças e morte, por mais difícil e sofrido que seja para você, jamais diga ao seu filho que “o vovô está dormindo” ou “foi para o céu” ou “Jesus levou”, porque, quando ele descobrir a verdade, ficará inseguro. Jamais diga que “o homem do saco irá pegá-lo” ou “que o doutor vai dar uma injeção”, para ele ficar quieto, isso pode funcionar por algum tempo, mas, quando ele descobrir a verdade, haverá uma quebra na confiança que ele tem por você e, me desculpe perguntar, existe alguma possibilidade de vínculo afetivo seguro baseado em desconfiança? Agora, se seu filho aprendeu a confiar em você, porque nunca mentiu para ele, porque cumpriu o que prometera, olhou-o sempre nos olhos, acolheu-o em seu colo quando teve medo e falou abertamente sobre suas emoções, você será a primeira pessoa que ele procurará, quando tiver algum problema, esteja você onde estiver!

Qual uso estamos fazendo da palavra? Estamos colocando amor e compreensão em nossa fala e gestos, ao dialogar com nossos filhos? Ou estamos sempre criticando, acusando, apontando o erro? Quais as consequências dessas atitudes? O que estamos querendo quando agimos assim? Quantas dores recorrentes: abdominais, de cabeça, ou dores nas pernas são, na verdade, um chamado de socorro dos filhos aos seus cuidadores? Algo não vai bem, a criança sofre por algo. Pode ser um desafio que ela está enfrentando na escola, ou em casa, ou na sua relação com seus cuidadores, ou até mesmo ser um reflexo da relação conjugal dos pais, já que o casamento dos pais influencia o comportamento de seus filhos. Geralmente, o início dos sintomas coincide com alguma mudança ou estresse na vida da criança e varia desde coisas sérias como falecimento de parente, abusos e violências até fatos triviais como mudança de escola, rotina ou nascimento de um irmão. André Luiz afirma que a criança é médium de seus pais:

“(...) a maioria esmagadora de Inteligências encarnadas retratam psicologicamente aqueles que lhes deram o veículo físico, transformando-se, por algum tempo, em instrumentos ou médiuns dos genitores à face do ajustamento das ondas mentais que lhes são próprias, em circuitos conjugados, pelos quais permutam entre si os agentes mentais de que se nutrem¹.”

Portanto o ambiente doméstico influi no psiquismo e emoções da criança e esta reflete o seu meio e absorve suas emanções magnéticas. Um ambiente tóxico pode levar a desajustes comportamentais e psíquicos, mas também ao adoecimento orgânico. Crianças pequenas, quando deprimidas, geralmente, não manifestam tristeza,

mas podem apresentar manifestações físicas, como dores de barriga e/ou de cabeça, alterações do sono e do apetite, atraso de desenvolvimento, irritabilidade e agitação. Importante criar um ambiente que a criança veja como feliz e seguro, além de criar situações em que ela possa lidar com a frustração a partir do modelo dado pelos pais²”

A chegada de um filho é sempre oportunidade de recomeço, de refazer laços, de transformar sentimentos, por isso, muitos desafetos reencarnam em nossa família, para transformarmos antigos equívocos em flores de amor, e essa relação é tumultuada e tensa, trazendo desafios diários nessa convivência, muitas vezes existe uma repulsão entre a criança e os pais desde o nascimento. Santo Agostinho, em O Evangelho segundo o

Espiritismo, no item 9, orienta-nos que são almas que se reencontraram para a construção do amor e quão magnífico será para eles se conseguirem estabelecer laços de afeto e gratidão? É sempre o amor o instrumento de cura e elevação para as nossas almas. Nessa situação, o tratamento espiritual pelos passes magnéticos abrandará as reminiscências ocultas da criança, auxiliando na construção de novos laços afetivos. A espiritualidade está mais próxima, trabalhando arduamente para o reestabelecimento afetivo dessas famílias, por isso novamente a oração e o contato íntimo com Deus será o nosso melhor livro, a melhor orientação para os filhos difíceis e desafiadores.

Enfim, a missão da maternidade e da paternidade é uma grande oportunidade de nos tor-

namos seres melhores, à medida que auxiliamos o desenvolvimento do ser reencarnante que nos chega ao lar, no seu desenvolvimento biopsicossocial e espiritual, desde o momento primeiro da fecundação, vencendo cada desafio com amor e dedicação. Aproximar essa alma de Deus é a nossa grande tarefa! Conectarmo-nos com nossos filhos, a partir da nossa conexão com o Criador é o caminho, mas a construção de laços para a eternidade é a nossa recompensa.

1 - XAVIER, Francisco C. Mecanismos da mediunidade. [Ditado pelo Espírito André Luiz], 13a ed., Brasília, FEB, 1987, cap 16.

2 - SBP. Depressão em crianças pequenas: tudo que você precisa saber. Disponível em: <https://www.sbp.com.br/imprensa/detalhe/nid/depressao-em-criancas-pequenas-tudo-que-voce-precisa-saber/>

Eu e meus amigos fazendo
inscrição para o



Mednesp
Vitória/ES 2022
15 A 18 DE JUNHO
no Centro de Convenções de Vitória/ES



**VALOR SUPER
ESPECIAL
PARA GRUPOS!**

INSCREVA-SE! www.mednesp2022.com.br

ENTREVISTA

Marcelo Paes Barreto



Por Dalva Silva Souza



Marcelo Paes Barreto foi presidente da FEEES no período de 1995 a 2001.

Como se deu a sua participação no movimento espírita capixaba?

Quero agradecer a atual equipe da FEEES por esta oportunidade de falar um pouco sobre a Doutrina Espírita e sua divulgação, na comemoração dos 100 anos! Por volta do ano de 1970, conheci o Dr. Antônio Lugon, então presidente da FEEES, apresentado pelo Dr. José de Oliveira Rosa, e comecei a conhecer o movimento. Por indicação do amigo Lugon, assessoriei o Dr. Gélío Lacerda, presidente que o sucedeu. Conversei muito, também, com Alcino Pereira e, depois, tive a alegria de ser convidado para Vice-Presidente do Júlio David. Como vice do Júlio, assumi a Diretoria de Doutrina da FEEES e resolvi empreender viagens para conhecer as Casas e seus trabalhos.

Em sua gestão frente à FEEES, implantou-se o primeiro grupo de Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita. O que significou essa realização?

Nas viagens que fiz, percorri, em um ano, 34 mil Kms! Como resultado das visitas às Casas, pude tirar três conclusões: 1) havia um desconhecimento muito acentuado da Doutrina (Obras Básicas), pois a maioria nunca tinha lido, muito menos estudado, os ensinamentos Kardequianos; 2) havia um desconhecimento dos trabalhos Federativos, das orientações do Movimento Organizado; 3) muitas Casas não

tinham um roteiro a seguir, e as pessoas que ali chegavam não encontravam o porto seguro da Doutrina. Daí, adquirei da FEB as apostilas do Estudo Sistematizado e criamos um primeiro curso de doze aulas na sede da FEEES. Tivemos mais de 120 inscritos e conseguimos uma página inteira do jornal A Tribuna para a divulgação do curso.

Qual foi o maior desafio enfrentado para disseminar no estado essa cultura do estudo da Doutrina?

Foi a divulgação do ESDE e a sua implantação nas Casas Espíritas! Iniciamos visitas de trabalho às Uniões Regionais e também a algumas Casas de cada região, incentivando a formação de grupos. As apostilas eram um bom começo, mas o estudo deveria ter continuidade na leitura diária dos livros seguros, buscando um conhecimento mais profundo dos ensinamentos. Notávamos também que os grupos sofriam da desistência de muitos companheiros e companheiras, dificultando a vitalidade dos trabalhos. Apesar das dificuldades, a semente do Bom Conhecimento estava lançada!

Que estratégia foi escolhida em sua gestão para favorecer união dos trabalhadores espíritas?

No congresso Espírita Mundial, realizado na Bélgica (02/11/1990), a FEB apresentou um estudo sobre a Unificação, que ser-

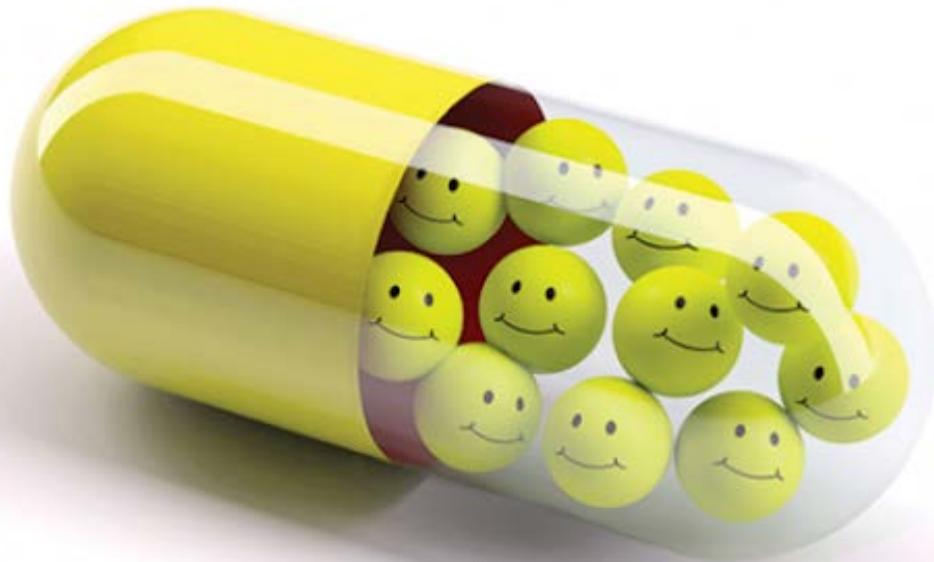
viria de orientação ao Movimento Brasileiro. “O trabalho de unificação do Movimento Espírita e de união das Sociedades e dos próprios espíritas é uma atividade-meio que tem como objetivo fortalecer e facilitar a ação do Movimento Espírita na sua atividade-fim DE PROMOVER O ESTUDO, A DIFUSÃO E A PRÁTICA DA DOCTRINA” (Grifamos). Daí, damos continuidade aos trabalhos dos Presidentes Antônio Lugon, Gélío Lacerda, Alcino Pereira e Júlio David, focando nas visitas às Casas, procurando fortalecer a amizade fraterna, a ligação com a Federativa, o melhor conhecimento da Doutrina, pelos grupos de estudos sistematizados e incentivando a leitura das Obras Básicas e de outros livros na linha pedagógica da segurança dos conhecimentos.

Qual foi sua maior alegria nos dois períodos de sua gestão federativa?

Aproximando o ano 2000, foi lançado o Projeto 2000 Anos com Jesus, com palestras semanais na FEEES e visitas às Casas, incentivando o estudo dos ensinamentos do MESTRE. Após quase 25 anos de trabalhos federativos, tive a alegria de colaborar para a implantação de inúmeros grupos de estudos; de reformular, com a ajuda de primorosa equipe, o Jornal A Senda, inclusive com a primeira edição colorida e de colaborar na realização do Primeiro Congresso Estadual, chegando até o Quarto, que reuniu mais de mil pessoas no Sesc de Guarapari.



Lucio Maranhão



FELICIDADE NÃO SE COMPRA NA FARMÁCIA

Onde está a felicidade? Essa é a pergunta milenar de muitos que buscam saber qual o caminho para ser feliz. Claro que não será neste simples artigo que estará a “fórmula da felicidade”, mas nele tentaremos fazer que cada um descubra a SUA fórmula para ser feliz, trazendo uma visão espírita junto ao Evangelho, algo para além das coisas da matéria. Logo, este texto não servirá em nada para aqueles que ainda se revoltam ou zombam, quando ouvem alguma palavra sobre “espírito” ou Deus.

Se você continua a ler, ótimo! A felicidade, posso dizer que é de certa forma relativa, pois há desejos diferentes nas pessoas. Para uns, a felicidade são os prazeres da carne; para outros, é oração, meditação; para uma criança, um pastel na mão ou assistir a um desenho é algo que traz felicidade; para outros, é comprar remédio na farmácia. Enfim, qual o sentido verdadeiro da felicidade?

Primeiro, é preciso lembrar de ter um objetivo na vida. Muitos dizem: “meu objetivo é ser feliz!”, possuem o objetivo de serem felizes,

mas não sabem como, não possuem um PLANO DE VIDA. Se lhes perguntarem: “qual o seu plano de vida?” Demorarão a responder, ou talvez nem respondam. Esse é um ponto crucial para se achar a felicidade, o que você pretende de sua vida? Vamos a algumas opções: ser um bom cristão? Pai de família? Trabalhador? Aproveitar ao máximo a vida? Usufruir os prazeres da carne? Tudo dependerá de onde você depositar aquilo em que você acredita.

Há pessoas que colocam todas “as fichas” nas coisas do mundo: dinheiro, prazeres, conquistas, títulos e, para elas, esse é o sentido de felicidade. Vamos abordar o que os espíritos dizem sobre esse grupo. Está em O Evangelho Segundo o Espiritismo, cap 5, item 20: “A felicidade não é desse mundo”. Há três forças que atraem muitas pessoas para uma felicidade terrena, que são: poder, riqueza e juventude. Podem reparar que muitos correm a vida toda atrás apenas desses 3 fatores.

Depositar toda a felicidade nesses 3 pontos é colocá-la em algo

transitório, logo sua felicidade também será transitória. Pessoas assim se tornam muito frágeis, pois o vaso do poder e da riqueza pode se quebrar a qualquer hora, e a juventude, ah! O tempo... nós não o conseguimos barrar! Por mais que esteja a medicina avançada em estética e as farmácias cheias de cremes e medicações novas, para tentar manter a beleza, o tempo sempre irá nos revelar. Então, será esse o verdadeiro sentido da felicidade? Transitória e frágil? Talvez não.

Jesus disse: “Meu reino não é deste Mundo” (Jo 18;36) e “O reino de Deus está dentro de vós” (Lc 17;20-21). Alguém pode dizer que Ele não falou em felicidade e sim em reino de Deus, mas será que a felicidade e Deus estariam separados? Não estariam juntos? Logo, é importante atentar para dentro de nós. Como diz a passagem do Evangelho, é onde o reino de Deus está. E o que tem dentro de nós? Materialmente, só órgãos funcionando, mas há outras forças como sentimentos, conhecimentos, pensamentos, inteligência, que não podem ser tocadas materialmente,

mas podem ser sentidas! Isso está no espírito, logo cuidemos dele.

Há pessoas que pensam que, ao tratar o corpo com remédios, estão tratando a alma. É justamente o contrário, cuidando de nossa alma, estaremos, aí sim, cuidando de nosso corpo. Vamos trazer agora o Evangelho e a medicina juntos para mostrar que o fluxo de tratamento se dá mente-corpo e não corpo-mente. Jesus disse: “Se teus olhos forem bons, teu corpo resplandecerá luz. Se teus olhos forem trevas, resplandecerá trevas” (Mt 6:22-23). Na medicina, já sabemos das doenças psicossomáticas, que começam na mente e se transpõem para o corpo. Logo, tratar o corpo pode ser um alívio apenas. A cura verdadeira virá, se se cuidar dos sentimentos e pensamentos, logo, com isso, é que se pode ser mais feliz.

Deixei para o final de nossa reflexão a questão 920, do capítulo I, item Felicidade e Infelicidade Relativas, de O Livro dos Espíritos.

Para mim, essa questão contém “o segredo da felicidade”. Kardec pergunta ao espírito Verdade se o homem pode gozar de completa felicidade na Terra. Há 2 partes importantes na resposta: a primeira é que NÃO, a felicidade suprema neste mundo não é possível, pois a vida nos foi dada como prova e expiação. Estando ainda num mundo de provas/expiações, posso até estar passando por um momento de “calmaria”, mas há pessoas sofrendo ao redor e, se eu disser que vivo em plena felicidade, sem notar ou perceber o sofrimento do outro, estarei falando de uma felicidade egoística. A segunda parte da resposta diz assim: “Depende dele (homem) amenizar os seus males e ser tão feliz quanto possível na Terra”. Para mim, aí está o segredo da felicidade!! Amenizar ao máximo nossos males, isso significa mudar, eliminar o que tem de ruim e substituir por algo lá DENTRO novo e bom. Parece simples, mas é complexo ao mesmo tempo, pois nós somos

nossos maiores desafios! Não é fácil adentrarmos em nós mesmos, mas é preciso. Só assim, segundo a orientação da espiritualidade, poderei ser o MAIS FELIZ possível enquanto encarnado, quando diminuir os males em mim. Como fazer isso? Primeiro, identificar esse mal ou mazela, isso já é um exercício de humildade; depois, usar algumas “pílulas” medicamentosas que ajudam a trazer felicidade, como: oração, caridade, trabalho no bem, perdão, compreensão e, o mais importante, achar seu OBJETIVO de vida e não deixá-lo por nada. Os objetivos são conquistas realizadas ao longo do caminho. Ninguém chega à linha final de chegada, sem completá-lo!! Agora, descobrimos novos meios para tentarmos ser, pelo menos, um pouco mais felizes, o máximo que for possível!!!

Muita paz!

**Agora ficou mais fácil realizar
pagamentos na livraria FEEES!**



Pague pelo PicPay!

**Agora ficou mais fácil
contribuir com a FEEES!**



Contribua pelo PicPay!



100 anos

ACONT

HÁ 100 ANOS A FEDE

(Aos amados e dinâmicos)

Meus amigos e irmãos, muita paz.

Em atenção às merecidas comemorações do centésimo aniversário de fundação da nossa querida Federação estadual, gostaria de lhes passar algumas memórias que me emocionam e me encantam até os nossos dias e sei que prosseguirão tempos além.

Corria a década de cinquenta, meados. A Federação Espírita estadual crescia, a olhos vistos, em seu processo de unificação das vinte e sete Casas Espíritas adesas, com a presença e o vigor dos jovens componentes do DIJ, entre quinze e vinte anos de idade que, pelas circunstâncias da época, compunham o quadro administrativo da Casa, um caso inédito no movimento espírita brasileiro, com a presença de dois fiéis companheiros mais velhos: Manoel Ribeiro da Silva e Juverlina Souza, carinhosamente tratada por “Tia Neném”.

Com todos os departamentos funcionando harmonicamente, a Federação tornou-se um centro de referências e laboratório experimental de todas as atividades espíritas, condizentes com o momento, cujos resultados eram repassados, de forma orientadora, para todas as Instituições adesas, como se fossem um só corpo.

Funcionando, há anos, no velho sobrado da Avenida República número cento e cinquenta e seis, em Vitória, alugado pelo preço simbólico de cinco cruzeiros mensais, por ser de propriedade de um velho amigo, preocupava-me por não ser sua sede própria.

Anos antes, no ano de mil novecentos e cinquenta e dois, Leopoldo Machado presente à Confraternização Espírita, informou que somente marcaria nova presença quando a Federação tivesse sua sede própria, pois essa era a opinião dele quanto às sedes das Federações. Realmente, na inauguração da nova sede, através da psicografia de Julio Cezar Grandi Ribeiro, Leopoldo retorna recordando sua afirmativa anterior.

As expressões de Leopoldo Machado soaram como afirmativa profética, pois de modo surpreendente e inesperado, numa sexta feira, um oficial de justiça entregou a ordem sumária de despejo da Federação.

A surpresa jamais progrediu para o desânimo, ao contrário, um plano de contingências foi traçado. No sábado, durante a reunião de materializações de Espíritos, o Espírito José Grosso, com suas trovinhas, voz grossa e forte afirmou, muito alegre: “a sede já está a caminho, afinem as pernas que nós ajudaremos”.

Realmente, um semana depois, tomamos conhecimento de um prédio na Rua Francisco Araújo, número noventa e nove anunciado, há meses, sem compradores interessados. Assim todos, indistintamente, se empenharam para conseguir a quantia exigida. Um ano de lutas e cansaços.

Além dos empréstimos bancários pessoais, contraídos pelos companheiros, um apelo foi expedido a todas as Casas Espíritas do Estado.

Todas, indistintamente, contribuíram, no âmbito de suas possibilidades, umas por empréstimos, por tempo indeterminado e, a maioria, por doação, a confirmarem, àquele tempo, a afirmativa feliz: “A FEDERAÇÃO SOMOS NÓS”.

O prazo já se expirava e faltavam, ainda, os últimos vinte cruzeiros. Já se haviam esgotados todos os recursos e a quem recorrer.

A equipe de trabalho estava reunida, em silêncio, tentando buscar soluções quando, um dos companheiros, por inspiração, sugeriu apelar para o diretor do Colégio São Vicente de Paulo, Dr. Aristóbulo Barbosa Leão. Conclui-se que era impossível, pois ninguém tinha qualquer relação com ele e por ser um colégio católico, porém verificou-se que não havia nada a perder. Marcada a entrevista, narramos os fatos sem falar em quantia. Dr. Aristóbulo, em silêncio, ouviu com paciência, não disse nada e se retirou pedindo que aguardassem. De retorno trouxe um envelope de cartas com alguma coisa dentro. De pé, entregou o envelope e, solenemente disse, para surpresa de todos: “não é um empréstimo, é uma doação, pois eu comecei o meu grande sonho de professor para a educação de jovens com o dinheiro de um espírita, que nunca me exigiu retorno - o Jeronymo Ribeiro”.

Despedimo-nos emocionados e agradecidos.

Posteriormente, inusitada surpresa, o envelope continha, exatamente, vinte cruzeiros.

As gerações se sucederam na marcha inextinguível do tempo e, com elas, as administrações da Federação a oferecerem o melhor de suas almas em atendimento às características temporais e à inspiração abençoada do estimado Bezerra de Menezes; e hoje, nos dias que correm, no fulcro inexorável da transição planetária, os luminares da espiritualidade Mais Acima, nos informam a respeito das esperanças depositadas em todos, com vistas aos novos e redentores desafios nas missões que se aproximam a exigirem gratificantes sacrifícios e muito amor dos que se conservam nos “campos” de trabalho com Jesus e “sobre os telhados” da segurança doutrinária que a Casa oferece.

Eu os abraço com carinho, Antônio Lugon.

(Psicografada por Wallace F. Neves, em 26 de março de 2021)

TECEU

RAÇÃO SOMOS NÓS!

(os líderes da Federação)

100 anos



Presidentes  feees

ARGEO MORAES DE SÁ
EUPHRÁSIO IGNÁCIO DA SILVA
EUTICIANO DA SILVA QUINTAS
Comissão Provisória - 1921

MANOEL CARLOS DE O. GUIMARÃES 1922-1925	ATTÍLIO PISA 1926
EUPHRÁSIO IGNÁCIO DA SILVA 1927-1936/1938/1940	ARISTÓCLES P. DE CARVALHO 1937/1939
AREOBALDO LELLIS HORTA 1941-1947	DÍDIMO DE MORAES 1948-1952
ANTÔNIO LUGON 1952-1980	GÉLIO LACERDA DA SILVA 1980-1986
ALCINO PEREIRA 1986-1992	JULIO DAVID ARCHANJO 1992-1995
MARCELO PAES BARRETO 1995-2001	DALVA SILVA SOUZA 2001-2007/2013-2019
MARIA LÚCIA RESENDE D. FARIAS 2007-2013	FABIANO SANTOS DE CAMPOS 2019-2022

27/03/2021



SUGESTÃO DE LEITURA



Dalva Silva Souza

“Para coisas novas, são necessárias palavras novas, assim o exige a clareza da linguagem, para evitar a confusão inseparável do sentido múltiplo de termos iguais”. Allan Kardec

Essa afirmativa do Codificador do Espiritismo, na introdução de *O Livro dos Espíritos*, ajuda-nos a compreender a importância do livro *Definições Espíritas*, organizado e publicado pela Lachâtre, com o apoio do saudoso companheiro Lamartine Palhano Jr.

Na primeira edição de *O Livro dos Médiuns*, havia um extenso capítulo dedicado à definição dos vocábulos que poderiam suscitar dúvida ao estudioso da Doutrina Espírita. Na segunda edição, esse capítulo foi substituído por uma relação de palavras colocada no final da obra, mas o Codificador expressou o interesse de elaborar uma publicação posterior de todo o vocabulário, o que acabou não acontecendo, talvez, pela exiguidade do tempo de que dispunha para tantas tarefas que se seguiram.

Em 1997, foi possível resgatar esse conteúdo tão importante, compondo uma publicação que conta com uma Introdução escrita pelo conhecido pesquisador espírita Lamartine Palhano Jr., que assim

caracteriza o trabalho: “Definições Espíritas é útil, não só para o iniciante espírita, mas para todo estudioso que deseja saber o pensamento inicial de Kardec a respeito dos diversos assuntos abordados”.

A ignorância acerca do significado dos termos de uma ciência ou de uma filosofia pode acarretar interpretações distanciadas da intenção do autor e, se a compreensão ficar prejudicada, pode surgir também a dificuldade de o indivíduo se expressar com clareza sobre o conteúdo, o que significaria comprometimento sério ao trabalho de divulgação dessa ciência ou dessa filosofia.

E não podemos nos esquecer do caráter dinâmico da linguagem, que, muitas vezes, altera o sentido dos vocábulos, ou cria novas conotações para eles. Os Espíritos, em suas comunicações pela mediunidade, utilizam as palavras que nosso sistema léxico lhes oferece, e vemos, em muitos pontos do diálogo entre eles e Allan Kardec, que sentem a dificuldade do processo e alertam quanto à necessidade de que ajustemos o nosso entendimento, pelo uso adequado das palavras.

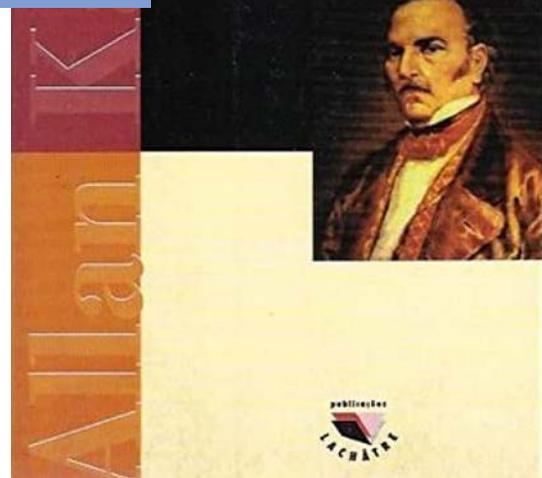
O autor do texto precisa ser claro, ao comunicar-se pela linguagem, e o leitor precisa assu-

mir a responsabilidade pela própria compreensão. Espera-se, pois, que ambos cuidem de melhorar o seu domínio do vocabulário, para favorecer o processamento do conteúdo. Os filósofos antigos já alertavam que “a palavra não é um cristal transparente e imutável, é a pele de um pensamento vivo e pode variar grandemente em cor e conteúdo, de acordo com as circunstâncias e o momento em que é usada”¹. Somos chamados, pois, ao aprimoramento da linguagem, se quisermos ser elementos produtivos no trabalho de estudo e divulgação desta Doutrina que tem um papel tão relevante em nossas vidas.

O livro *Definições Espíritas* conta ainda com ilustrações de Gustave Doré, pintor, desenhista e o mais produtivo e bem sucedido ilustrador francês de livros de meados do século XIX. Por tudo isso, essa obra de referência deve estar presente em nossos estudos.

1. REZENDE, Antônio. Curso de Filosofia. 6ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1986, cap. 14.

DEFINIÇÕES ESPÍRITAS





Gustavo Gandolfi

O DESAFIO DA REENCARNAÇÃO

O tema reencarnação não é criação do espiritismo. Desde os primórdios da civilização, é recorrente a busca da humanidade pela compreensão do sentido da vida, da continuidade da vida após a morte biológica, do destino e do retorno da alma à vida material.

Aliás, muitos filósofos gregos, como vemos em Platão, já defendiam que o homem passa por períodos de morte e renascimento e que morrer não implica atingir o fim de uma vida, vez que somente o corpo morreria, pois a alma é imortal. A alma preexiste ao corpo e sobrevive à morte dele.

O próprio Cristo, em seu diálogo com Nicodemos, ensina acerca da continuidade da vida do espírito e da necessidade do renascimento, é o que lemos com absoluta clareza no evangelho de João, a saber:

"Havia entre os fariseus um homem, cujo nome {era} Nicodemos, líder dos judeus. Ele veio até Ele {Jesus}, de noite, e lhe disse: Rabbi, sabemos que vieste de Deus, {como} Mestre, pois ninguém faz estes sinais que tu fazes, se Deus não estiver com ele. Em resposta, Jesus lhe disse: Amém, amém, {eu} te digo que se alguém não for gerado de novo {ou do alto} não pode ver o Reino de Deus. Nicodemos diz para Ele: Como pode um homem, sendo velho, ser gerado? Porventura pode entrar {pela} segunda vez no ventre de sua mãe e ser gerado? Jesus respondeu: Amém, amém, {eu} te digo que se alguém não

for gerado de água e espírito, não pode entrar no Reino de Deus. O que foi gerado da carne é carne, o que foi gerado do Espírito é espírito. Não te maravilhes de que eu lhe tenha dito: É necessário a vós ser gerado de novo {do alto}. O espírito sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes de onde vem e nem para onde vai; Assim é todo aquele que foi gerado pelo espírito"².

Entretanto a humanidade mergulhou em período antropocêntrico, e o materialismo científico tentou banir a concepção da existência da alma, na compreensão de que esta é tão perecível quanto o corpo, não preexistindo ao corpo e tampouco sobrevivendo à morte física.

No entanto continuou a humanidade a sua busca pela própria razão da existência: quem sou? De onde vim? Por que estou aqui? Para onde vou?

A luz ilumina a escuridão, a verdade não é eclipsada pelos pensamentos meramente humanos e as pedras, na simbologia dos túmulos, falaram. A doutrina espírita vem socorrer a humanidade e, como o sol, ilumina a razão humana, trazendo de forma clara e precisa o tema da imortalidade da alma, da preexistência do espírito imortal que nunca perece, da continuidade da vida, da pluralidade das existências.

É o que aprendemos com Kardec:

"[...] é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro cor-

po especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. [...]"³

Assim, todos nós, que abraçamos a doutrina reveladora, guardamos a convicção, como base fundamental, do princípio da pluralidade das existências, da reencarnação da alma imortal. Nesse sentido, também nos ensina o ilustre codificador:

"A doutrina da reencarnação, isto é, a que consiste em admitir para o Espírito muitas existências sucessivas, é a única que corresponde à ideia que formamos da Justiça de Deus para com os homens que se acham em condição moral inferior; a única que pode explicar o futuro e firmar as nossas esperanças, pois que nos oferece os meios de resgatarmos os nossos erros por novas provações. A razão no-la indica e os Espíritos a ensinam"⁴.

Embora nossa clareza quanto a esse princípio basilar, muitos não compreendemos qual sentido, quais os propósitos e os desafios da existência. Será que realmente apenas renascemos para sofrer? Será que o destino da alma, em suas múltiplas existências, é caminhar por dores, pesares, infelicidades?

O nobre benfeitor Emmanuel, pelas mãos luminosas de Chico Xavier, na mensagem intitulada *"Perante a reencarnação"*, vai orientar nossas concepções ainda enraizadas nos pragmatismos religiosos de outrora, elucidando que a re-

encarnação corresponde, antes de qualquer condição, à oportunidade de crescimento e conquista de felicidade:

*“...És um Espírito eterno envergando temporária forma física, à maneira de um servidor vestindo uniforme de trabalho, francamente deteriorável e passageiro... Estuda o quadro que te emoldura as atividades e anotarás de que ponto debes partir em demanda à melhoria. Sobretudo, é preciso ponderar que se ninguém nasce para o mal, muito menos renascerá para reconstituí-lo ou reafirmá-lo. Um aluno repete o currículo de lições no objetivo de ganhar a frente, não para acomodar-se à retaguarda. **Convence-te de que retornamos à Terra com o fim de ampliar os valores do bem, cada vez mais...**”⁵ (destaquei)*

E Manoel P. de Miranda, pela psicografia de Divaldo Franco, vai ensinar que:

“É a reencarnação a única chave segura para equacionar quase todos os problemas que afligem o ser humano, simbólica “escada de Jacó” para conceder-lhe os altiplanos felizes da vida”⁶.

Assim, já poderíamos compreender que não reencarnamos para o sofrimento, não estamos fadados à dor. O propósito maior de cada existência está intimamente ligado ao crescimento, à compreensão de novas possibilidades e, acima de tudo, ao propósito de alcançarmos a felicidade. Entretanto, se a razão de renascermos em cada nova oportunidade de vida é alcançarmos a felicidade, a libertação, ampliarmos os valores maiores, por que sofreremos?

Como crianças, ainda somos rebeldes ante a compreensão da essência da vida. Embora nos julguemos todos conhecedores dos postulados espíritas, em que pese a fala da convicção e a fé em Deus, percorremos caminhos permeados de dificuldades e angústia que acumulamos pela nossa própria dissonância das leis da vida. Acreditamos que somos conhecedores do melhor para nossas vidas e que os desígnios de Deus são castigos contra

os quais devemos nos rebelar e ir ao contrário das circunstâncias que permeiam nossa existência.

Desta forma, o primeiro desafio da alma que inicia em nova roupagem física a sua jornada evolutiva é compreender que toda reencarnação, toda nova existência, todo novo planejamento existencial, antes de tudo, está sob a pauta da misericórdia divina, sob a égide da lei de amor, a conduzir-nos à libertação do sofrimento e não ao sofrer. É o que se aprende da lição preciosa que o espírito Charles, pela pena de Yvonne do Amaral Pereira, esclarece:

“[...] é o recurso supremo que o Todo-Poderoso vos concede para vos libertar do pecado que entenebrece vossas consciências, a fim de poderdes conquistar definitivamente a paz íntima. A reencarnação é bendito ensejo que Deus vos concede a fim de vos reabilitardes do mal praticado e não sofrer eternamente. [...]”⁷.

Isso compreendido, aprenderemos que estamos, sem exceção, sob o amparo e o amor de Deus, e que tudo em nossa vida é preenchido de significado, para alcançarmos os maiores degraus da felicidade. Assim, todos os outros desafios da encarnação estarão relacionados a essa essência, o amor de Deus por todos nós.

Dessa maneira, se encontramos no lar o desafio da reencarnação ante as turbulências domésticas, saibamos cumprir a tarefa que nos foi oferecida como oportunidade de reajuste e cobriremos com amor as dificuldades que modificarão os laços de união, transformando dores em alegria.

Se verificamos no trabalho o desafio perante a vida, que possamos trabalhar ainda mais, oferecendo da nossa parte a paciência como recurso transformador do desafio perante o desajuste.

Se temos o desafio do corpo enfermo na existência, reconhecemos que, pela máxima do amor de Deus, estamos ajustando desalinhos ante a própria vida, utilizando a resignação como ferramenta de

reparo transformador da dor momentânea em libertação regeneradora vindoura.

Se, no caminho da existência, temos o desafio da ingratidão dos amigos e da maledicência alheia, reconheçamos a valiosa oportunidade do exemplo do silêncio, convertendo a desforra em perdão, recurso infalível de superação e entendimento.

Seja qual for o desafio que lhe seja dado experimentar nesta existência, não perca a oportunidade bendita de progresso e de seu alinhamento com a vida maior, utilizando todos os instrumentos de que já é portador, para superá-lo com fé, amor e resignação, fazendo com que o próprio exemplo de vida seja o supremo testemunho perante as adversidades, libertando a própria consciência das prisões em que se havia encarcerado.

Em todas as oportunidades da existência, cumpre verificarmos os desafios que estamos aptos a enfrentar, modificando e transformando, amando e libertando nosso espírito dos agulhões da dor para o rumo da felicidade, recordando sempre a célere frase de Goethe inscrita na lápide do ínclito codificador: ***nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei!***

1 - Johann Wolfgang von Goethe

2 - DIAS, Haroldo Dutra. O novo testamento/tradução de Haroldo Dutra Dias. 1. ed. 3. imp. Brasília: FEB, 2015. p. 400.

3 - KARDEC, Allan. O Evangelho segundo o Espiritismo. Trad. de Guillon Ribeiro da 3a ed. francesa rev., corrig. e modif. pelo autor em 1866. 124a ed. Rio de Janeiro: FEB, 2004. - cap. 4, it. 4

4 - KARDEC, Allan. O Livro dos Espíritos: princípios da Doutrina Espírita. Trad. de Guillon Ribeiro. 86a ed. Rio de Janeiro: FEB, 2005. - pt. 2, cap. 4, q. 171

5 - Emmanuel (espírito), [psicografado por] Francisco Cândido Xavier. No portal da Luz - 8ª ed. - Araras/SP: IDE, 2004 - p. 23/25

6 - FRANCO, Divaldo P. Loucura e obsessão. Pelo Espírito Manoel P. de Miranda. 9a ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. - cap. 6

7 - PEREIRA, Yvonne A. O cavaleiro de Numiers. Pelo Espírito Charles. 9a ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003. - pt. 5, cap. 5



CONGRESSOS MUNDIAIS

Os Congressos Espíritas Mundiais vinham se realizando a cada três anos. O 9º Congresso aconteceu no México, em 2019, e havia a expectativa da realização do 10º Congresso este ano, mas a Assembleia Geral do Conselho Espírita Internacional definiu que o evento se realizará em 2022. Prepare-se para participar do grande encontro da família espírita mundial em Nice, na França, nos dias 15 e 16 de outubro de 2022, com o tema “Reforma Íntima” - proposta de Richard Buono da L’Union Spirite Française et Francophone.



JORNADAS ESPÍRITAS 2021

Eventos já consagrados no Movimento Espírita Capixaba, neste ano teremos quatro edições, na modalidade virtual - Jornadas Espíritas do Norte, 28/30.04 e 01.05; do Sul, 19/22.05; Centro I (3º, 7º e 10º CREs) 23/26/06; e Centro II (6º e 11º CREs), 28/31.07 e 01.08. Os temas, variados e atuais, serão desenvolvidos por reconhecidos expositores brasileiros, como Haroldo Dutra Dias, Alberto Almeida, Álvaro Chrispino, Simão Pedro e Ana Tereza Camasmie que, como sempre, dialogam com clareza, segurança e brilhantismo assuntos de interesse comum, à luz da Doutrina Espírita. IMPERDÍVEIS.



CAMPANHA ESPÍRITA PELA PAZ

CONSTRUAMOS A PAZ PROMOVENDO O BEM é o slogan da campanha espírita pela paz. A FEEES incentiva a realização das ações dessa campanha em todo o estado, e o mês de maio é ideal para isso, porque o último domingo desse mês é o Dia Municipal da Paz em Vitória (Lei Municipal n.º 5329/2001) e também Dia Estadual da Cultura da Paz (Lei Estadual 7.966/2005). Que não nos baste sermos pacíficos, sejamos pacificadores, agentes da paz. A proposta é realizar reflexões, apresentações artísticas e ações de paz. Vamos Pazear?



ENTRAE SUL

No último dia 18 de abril, aconteceu o ENCONTRO DE TRABALHADORES ESPÍRITAS da região sul do Estado, contemplando participantes das cidades vinculadas aos 4º, 5º e 12º Conselhos Regionais Espíritas: diretores e trabalhadores de Casas Espíritas e membros das Comissões Executivas dos CREs envolvidos. Sob o tema MATURIDADE NA GESTÃO DAS CASAS ESPÍRITAS, o evento, na modalidade online, atende à demanda registrada no Projeto Convite ao Futuro - Diagnóstico e Prognóstico do Movimento Espírita Capixaba, que se desdobrará em outros encontros, nos dias 23.5, 13.6 e 11.7. Indispensável a nossa presença.



CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM - DIA MUNICIPAL DA CONFRATERNIZAÇÃO ESPÍRITA

No último dia 17 de março, foi comemorado o Dia Municipal de Confraternização Espírita de Cachoeiro de Itapemirim. Foi realizada uma solenidade virtual, coordenada por Celmo de Freitas, representando a Coordenadora do 4º CRE e contou com as participações da Vereadora responsável pelo Projeto de Lei - Sra. Renata Fiorio -, o presidente da FEEES Fabiano Santos - responsável pela saudação a Jeronymo Ribeiro: fiel discípulo do Espiritismo, José Ricardo - VP Unificação da FEEES - e vários internautas de diversas regiões do Estado.



CRC 2021

Neste ano de 2021, mais uma edição da Comissão Regional Centro será realizada de maneira virtual. Entre os dias 14 e 16 de maio estarão reunidos os diretores das Áreas Estratégicas e as Diretorias Executivas das Federativas do Espírito Santo, Minas Gerais, Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Tocantins, junto com representantes da FEB para o encontro anual que tem por objetivo discutir projetos e ações coordenadas para o movimento espírita nacional. Um dos assuntos de pauta do encontro, intimamente ligado ao momento atual, será a dimensão virtual do trabalho espírita.

O LIVRO DOS MÉDIUNS

16 décadas



Findava-se o ano de dois mil e vinte na contagem de tempo do Calendário Gregoriano, e se consolidavam, nos primeiros dias de dois mil e vinte e um, os programas, iniciados desde dois mil e dezenove das comemorações do nascimento, na Terra, de O Livro dos Médiuns, ocorrido há cento e sessenta anos, portanto em mil oitocentos e sessenta e um.

A passagem de ano, no mundo físico, teve recrudescimento da exuberante e artística queima de fogos de artifício, muito concorrida nas mais importantes capitais do País, em virtude da forma avassaladora do surgimento da pandemia do Corona Vírus com as restrições propostas pelas autoridades sanitárias, contudo, no mundo espiritual, renovaram-se as esperanças de um novo ano de aprendizado, renúncias e abnegação, em paralelo à auspiciosa data comemorativa no mês de fevereiro de dois mil e vinte e um.

As referências a O Livro dos Médiuns expressariam a profunda gratidão ao denodo, à dedicação integral, aos sacrifícios pessoais e às vitórias do Codificador, Allan Kardec, ao mesmo tempo sábio, fiel e humilde.

Em pleno século dezenove, Allan Kardec teve a coragem de publicar tanto a maior e mais importante obra sobre a mediunidade quanto as posteriores de valioso conteúdo, que se constituíram satélites complementares e necessários de O Livro dos Espíritos.

Com essas conjecturas e dando asas ao espírito observador de fatos, segundo sua relevância e o impulso de colocá-los ao alcance das coletividades, idealizei um plano de ação.

O PRIMEIRO ENCONTRO

De imediato, dirigi-me à sede da Federação Espírita Brasileira, na Capital Federal, para o encontro com meu velho conhecido, Dr. Guillon Ribeiro, o tradutor de O Livro dos Médiuns para o Departamento Editorial da FEB. Com indisfarçável alegria, Dr. Guillon me recebeu no prédio da grandiosa Biblioteca, climatizada, de inestimável e rico acervo.

Às nossas primeiras palavras, pediu-me, gentilmente, que dispensasse o título de doutor, ao nomeá-lo e, antes de qualquer coisa, percorreu comigo as várias seções, para me apresentar aquele maravilhoso templo de cultura espírita.

Música suave e inspiradora envolvia o silencioso ambiente, apesar dos inúmeros consulentes que se acomodavam em mesas ou percorriam as alas e estantes com tranqüila serenidade.

Como não percebi funcionários ou bibliotecários, perguntei de que modo funcionava o acesso aos livros.

- Aqui, como em toda parte, confundem-se encarnados e desencarnados, estes em maior número. Os consulentes, à entrada, instruem-se sobre as diversificadas classificações e temáticas, acessam um dos inumeráveis equipamentos de consultas que você viu; por vezes indicam o título, o autor, ou os temas de interesse. De imediato, o equipamento dá as coordenadas com dados e planta de localização da obra, ou periódicos.

Terminada a consulta, o próprio usuário recoloca a obra no seu lugar com facilidade, porque ali deixou o marcador de sua identificação.

- Eu poderia dizer que aqui funciona uma espécie de museu dinâmico? - perguntei curioso.

- Não apenas com esse caráter, mas como centro de pesquisa, é o que está acontecendo neste momento, mas deixe-me adiantar, muitos Espíritos ainda necessitam tocar, pegar com as próprias mãos, folhear e ler; outros não necessitam desse aspecto, mas vêm para admirar a beleza da criação humana. Enquanto os encarnados manuseiam os livros fisicamente materiais, os habitantes do nosso mundo tocam e manuseiam suas contrapartes fluídicas com a devida consistência relativa à dimensão espiritual onde nos encontramos.

- Posso deduzir, Guillon, que deve haver algum setor de referência similar aos que existem no plano físico: digitação, microarquivos, memórias e chips.

Guillon sorriu e acrescentou ao me conduzir para uma sala contígua:

- Aqui é onde eu e outros Espíritos nos revezamos, para prestar nossa colaboração aos consulentes específicos. As memórias são miniaturizadas a tal ponto que “habitam” ou se armazenam numa dimensão acima e exigem treino e liberdade mental para selecionar e penetrar, gradativamente, os caminhos ideais. Considerando as características do fluido cósmico universal, podemos ter um acervo de grande amplitude, ao passo que, na Terra, a “nuvem”, por mais ampla que seja, tem capacidade limitada.

Encantado com as informações do velho conhecido, minha atenção foi despertada por uma prateleira, na parede fronteira, com uma dezena ou mais de livros de formatos e aspectos variados, no entanto irradiavam um campo de suave luminosidade.

- Esses, meu amigo Repórter, ainda não chegaram ao mundo físico, pois seus futuros autores estão em fase de reencarnação.

Embora minha curiosidade investigativa estivesse ativa, não ousei perguntar quanto ao conteúdo daquelas obras, por respeito àquelas almas que desciam ao palco terrestre para, com renúncia e sacrifícios, trazerem seu contributo à vida planetária.

Terminada a visita, caminhamos pelo exterior, no espaço primorosamente ajardinado da FEB e, sob um pergolado de pendentes flores exóticas, informei que desejava me inteirar, mais

profundamente, a respeito da publicação da primeira edição de O Livro dos Médiuns, entrevistando alguns dos protagonistas do Espiritismo nascente.

- E o que você pretenderia de mim, como posso colaborar com seu nobre empreendimento?

- Como lhe coube a tradução da segunda obra do Pentateuco Espírita, pensei na sua relação com o editor Didier.

- Veja meu amigo, o Didier tem grandes compromissos com o Espiritismo francês e, nada acontece por acaso, além de guardar grande relação de amizade com ele, nossas equipes de trabalho mantêm estreita relação. Como lhe prometi, há algum tempo, fazer-lhe uma visita, poderemos ir juntos a Paris.

A presença de Didier foi fundamental, pois foi quem propôs a Kardec uma série de adaptações para o Evangelho segundo o Espiritismo.

Sorri e, feliz, aceitei o auspicioso convite.

O SEGUNDO ENCONTRO

Na “cidade luz”, Paris, o Sr. Didier, à semelhança de Guillon, solicitou-nos que dispensássemos o tratamento de senhor e nos recebeu com efusivos abraços, muita simplicidade e simpatia.

Ao lado da fluência do Guillon, arranjei-me como pude com o francês, recordando-me dos rudimentos do idioma, obrigatório nos tempos de estudante dos cursos Ginásio e Científico.

Estávamos na Avenue d’Orléans, 31, diante do monumental Palais Royal, um complexo que incluía palácio, jardins, teatro, cafés, restaurantes, ambiente de encontro da sociedade parisiense elegante do início do século XIX. Ali se instalava a “Didier et Cie. Libraires - Editeurs”.

Bem avantajado, o espaço “espiritual” da Editora ultrapassava os limites territoriais das paredes

do ambiente físico.

Didier nos conduziu à sua sala, levando-nos a atravessar a grande biblioteca que, como na FEB, abrigava muitos consulentes e nos esclareceu que recebia visitantes espirituais de várias partes do mundo, a maioria de brasileiros voltados para a divulgação do Espiritismo.

Acomodamo-nos e, na mesinha de centro, uma grossa pilha de papéis manuscritos.

-- Pegue-os - estimulou o editor - examine-os à vontade.

Profundamente emocionado vi, na capa, escrito: “Le Livre des Mediums - Guie des Mediums et des Évocateurs”. Folhiei aqueles manuscritos grafados com a letra firme, harmônica e regular de Allan Kardec. Manuseamos aquelas preciosidades a assimilarmos o campo vibratório envolvente com tal intensidade que, em processo de psicometria, comecei a identificar as cenas ali impregnadas, porém foi necessário renunciar em favor dos propósitos maiores de nossa visita. Enquanto permanecia em silêncio, Didier comentou que, naquela biblioteca, estavam todos os manuscritos de Allan Kardec, o Pentateuco Kardequiano, as Revistas Espíritas, as mensagens dos Espíritos recebidas de várias partes do mundo que serviram de análise, triagem e seleção para a composição das obras.

- O que você pode nos contar a respeito do início da história de O Livro dos Médiuns?

- Com a publicação da primeira edição de O Livro dos Espíritos, os gravames contra o Espiritismo e, consequentemente, contra o prof. Rivail se avolumaram: libelos da Igreja de Roma; publicações inverídicas, ameaças, difamações e, concomitantemente, as rejeições dos homens das academias, as academias científicas em atitudes de negativas e de desdém ante a nova Ciência e de desrespeito a um dos seus ilustres membros.

A organização e montagem da obra basilar, sua estrutura didática e coerente já delineara um caminho para as obras emergentes. Inicialmente, Allan Kardec, reconhecendo a condição profundamente filosófica de O Livro dos Espíritos, raciocinou que de nada adiantaria a filosofia sem as

consequências morais e levou em conta a resposta do Espírito Verdade de considerar Jesus “o tipo mais perfeito que Deus ofereceu ao homem para lhe servir de guia e modelo” e chegou a pensar em elaborar uma obra dessa natureza.

- E o que levou Allan Kardec a optar pela estruturação e publicação de O Livro dos Médiuns?

- Muita preocupação. Na condição de mestre e professor, observou a proliferação, em demasia, das reuniões de evocações de Espíritos por toda parte, frívolas, divertidas, inconsequentes, irresponsáveis nos salões de festas, nos lares, nas tavernas a gerarem a proliferação de obsessões individuais e coletivas, com graves consequências. Espíritos levianos, “brincalhões, caluniadores e mentirosos”, oportunistas ou vingativos provocavam dissensões entre familiares, amigos, casais lançando-os uns contra os outros. Concluiu também que a vulgaridade e forma chula como era tratada a grandiosidade e importância da fenomenologia mediúnica, a ignorância quanto à sua ação renovadora traziam prejuízos contundentes à implantação, no mundo, da proposta de Jesus para a humanidade.

Quando me confidenciou tais conjecturas, sugeri que auscultasse os Espíritos orientadores, ninguém melhor do que eles poderiam opinar a respeito.

- Deduz-se, de imediato, qual foi a resposta, mas de que forma argumentaram com Allan Kardec?

- Em resposta às suas perguntas, os Espíritos Erasto e São Luiz informaram que era o momento de dar cunho científico à Doutrina nascente, identificar a metodologia científica em que se assentava a filosofia impregnada em O Livro dos Espíritos e, ao mesmo tempo, oferecer guia seguro àqueles que se interessassem, verdadeiramente, pela verdade e correção no campo da mediunidade. E acrescentaram que Kardec já detinha, em mãos, vasto acervo de informações de vários matizes e experimentações mediúnicas comprobatórias oriundas de sua vivência pessoal e outras tantas vindas de toda parte. Que trabalhasse nisso. Fíndia essa tarefa, poderia, então, com mais

propriedade, tratar das consequências morais, tão ao seu gosto.

- Quanto à estruturação de O Livro dos Médiuns – insisti com Didier – os Espíritos traçaram algum plano de ação para a composição da obra?

- Ofereceram alguns tópicos básicos e gerais passíveis de inúmeros desdobramentos, e isso caberia ao bom senso e inteligência de Kardec: a metodologia aplicada; os diversificados tipos de manifestações; os tipos de médiuns; as classificações de mediunidades; as dificuldades para o exercício da mediunidade, com ênfase na obsessão, nas mistificações e fraudes; não obstante, em primeiro lugar, era imperiosa a comprovação da existência dos Espíritos.

- Didier, você saberia me esclarecer se o Codificador confiava tanto nos editores a ponto de lhes entregar os manuscritos originais? Não lhe ocorria a possibilidade de danos de qualquer natureza, como acidente por fogo, intempéries, alguém interessado em prejudicar publicações de tal caráter?

- O Professor Rivail era extremamente cuidadoso e zeloso com relação ao trato com as coisas dos Espíritos. Ele sempre pensou nessas possibilidades; veja, por exemplo, após revisar, várias vezes, conduzia tudo à sua principal revisora, a discreta e segura Amélie Gabriele Boudet, sua dedicada esposa que, no ato de revisar, fazia, ainda, o papel de copista.

- E quando Allan Kardec passou a obra para as suas mãos?

- Até então tudo eram conjecturas e conversações, contudo lembro-me como se fosse agora, aqui mesmo nesta sala. De pé, um defronte ao outro, ele, com as duas mãos segurando o pacote bem embrulhado e amarrado com um cordel, e eu a recebê-lo, também com as duas mãos e ficamos assim por alguns segundos, senti-me profundamente honrado com aquela deferência.

Jamais senti algo parecido em toda a minha vida, a solenidade do momento e a sutil presença espiritual.

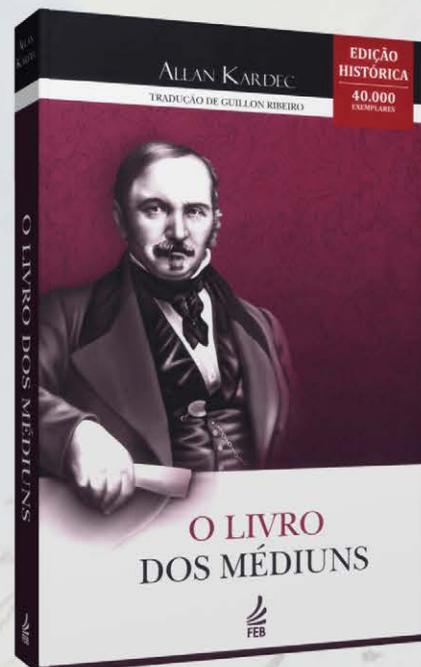
- E a que conclusões chegou, àquela época, com relação a O Livro dos Médiuns?

- Li a obra, como sempre fiz com todas as publicações, e concluí que transcendia a condição de manual ou guia para médiuns e evocadores, Era um tratado sério e completo, ao mesmo tempo complexo, considerando a profundidade do assunto, e fácil pela forma estrutural e didática de sua concepção para “deglutição” de qualquer nível de inteligência, a apelar, sempre, para o raciocínio. Os Espíritos tinham razão, a tiragem foi consumida rapidamente, uma vez que o seu caráter científico, tão na moda do século XIX, atendia às ânsias de novidades científicas, a despeito das frivolidades da época e dos narizes torcidos das academias que encontraram dificuldades para as contestações, o que levou alguns sábios a aceitarem o Espiritismo como ciência de observação.

Agora, sim, era a hora de oferecer ao mundo, à religião e, particularmente, à Igreja a beleza incontestável do aspecto moral, o caráter religioso do Espiritismo numa união perfeita com a ciência. Todo o acervo científico e filosófico direcionado ao conhecimento e à consolação, razão e fé integradas.

Guillon Ribeiro manteve-se na condição de observador com ligeiros assentimentos de cabeça vez por outra.

Mais alguns segundos e percebemos que a entrevista estava chegando ao fim, era a hora das despedidas. Eu me achava gratificado.



- Amigos meus, tenho uma surpresa para vocês - e acrescentou fazendo um sinal para um colaborador que se achava à porta - por favor, faça entrar nossa convidada.

A porta se abriu e entrou, com delicado sorriso no rosto, Mme. Allan Kardec, Amélie Gabriele Boudet, bem mais nova e jovial do que aparece nos retratos tradicionais.

Ligeira névoa luminosa azulada a circundava e, ao perceber, cerrou os olhos e, ao abri-los, a névoa se havia apagado.

Cumprimentou Didier e pediu que fossem dispensadas as apresentações, porque nos conhecia. Levantamo-nos, ela nos abraçou com extremo carinho.

Trazia nas mãos um pequeno pacote amarrado com cordel e esclareceu:

- Guillon, meu irmão e amigo, trago-lhe um presente, leve-o para a sua biblioteca espiritual na Federação Espírita do nosso amado Brasil, são os manuscritos da minha cópia de O Livro dos Médiuns.

Guillon recurvou a cabeça visivelmente emocionado e a abraçou.

Dada a franca cordialidade estabelecida, perguntei se poderia fazer uma pergunta à querida interlocutora, e ela respondeu que eu ficasse à vontade, então perguntei:

-Allan Kardec conviveu com Espíritos, médiuns e mediunidade por largo período de tempo, diuturnamente. Ele também era médium?

Ela não pareceu se surpreender com a pergunta, contudo, ao acenar com a mão, em despedida, respondeu com delicadeza e franco sorriso no rosto:

- Meu querido repórter, reveja o item 159 do capítulo XIV de O Livro dos Médiuns e terá sua resposta.

O Repórter

(Psicografada por Wallace F. Neves em 24/03/2021).

Quem é esse Espírito O Repórter?

Ao longo dos anos da existência da Casa Espírita Cristã, sediada no bairro do IBES, município de Vila Velha no Estado do Espírito Santo, esse Espírito teceu inúmeras mensagens pela mediunidade psicográfica de Júlio Cezar Grandi Ribeiro (Julinho), trinta e oito das quais selecionadas pela companheira Leny Marilda Bastos de Carvalho, foram enfileiradas num livro intitulado “Reportagens da Vida”, editado pela Editora EME, em maio de 2011.

O que nos foi permitido saber, pelo próprio médium, já desencarnado, O Repórter foi professor e jornalista do Correio do Sul, em Cachoeiro do Itapemirim, profundo admirador da obra de Humberto de Campos e, em sua homenagem, adotou o pseudônimo de O Repórter XX em alusão ao pseudônimo de Conselheiro XX, adotado por Humberto de Campos.

Muitos afoitos passaram a afirmar, inadvertidamente, que o Repórter XX era o próprio Humberto, com mais um pseudônimo, fato negado pelo médium Júlio Cezar.

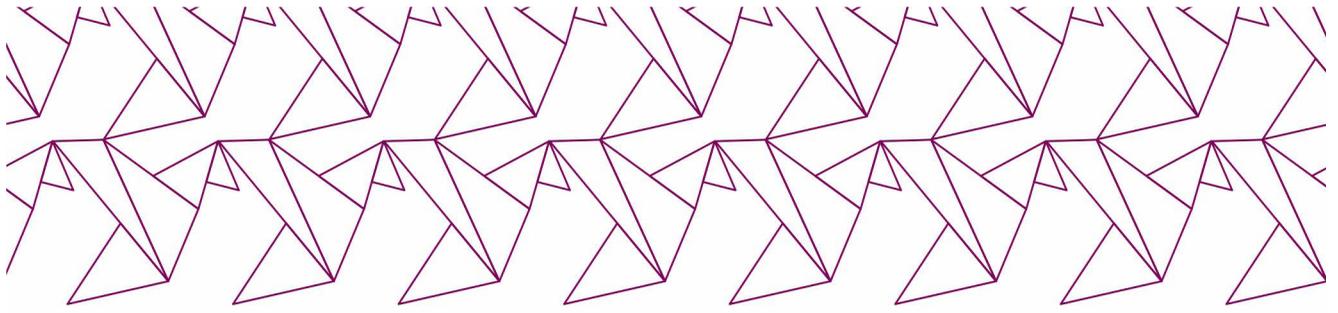
Para dirimir discussões em torno das afirmativas, o Espírito passou a assinar, simplesmente, O Repórter, sem quaisquer outros complementos.

Suas crônicas e contos abordam, inteligentemente, situações do dia a dia no âmbito da Casa Espírita, seus adeptos e colaboradores, fatos do mundo espiritual e sua relação com a vida terrena, a despertar o interesse e a curiosidade do leitor, apresentando sempre um final inesperado.

Com a desencarnação de Júlio Cezar Grandi Ribeiro no ano de 1999, tempos depois, O Repórter volta a psicografar com as mesmas temáticas, agora enriquecidas por entrevistas colhidas com personagens do mundo espiritual, principalmente quando ocorrem eventos importantes promovidos pela Federação Espírita do Estado do Espírito Santo, tais como os encontros anuais de Mocidades Espíritas do Estado já realizadas quarenta e uma edições.

Agora nos apresenta mais uma produção inédita, por conta dos cento e sessenta anos da obra O Livro dos Médiuns, de Allan Kardec.

NOTAS: Wallace Fernando Neves



des DOBRA

O amor se desdobra

CLIQUE AQUI para acessar
lojadesdobra.fees.org.br

